

O PROBLEMA DA CULTURA

por HUBERTO PEREIRA DINIZ LOPES

Creio que ainda se não atentou suficientemente bem, perseverantemente bem, no drama da juventude que se quer instruir e o não pode fazer.

E' o operário que cedo se levanta e cedo se tem de deitar, e ao cabo de uma semana de constante labuta, mal ganhou o suficiente para comer.

Como pode ele cultivar-se, se todas as horas do dia estão ocupadas—trabalho ou transportes—e a noite lhe é necessária para descansar os músculos doridos do esforço?

Como pode ele comprar livros ou revistas, se o que ganha, na maioria dos casos, mal chega para o pão e o aluguer do buraco?

Podiam, é certo, lembrar-me a iniciativa bastante recente dos vereadores lisboetas, de espalhar bibliotecas populares com recheio a roçar o milhar, por vários pontos da capital.

Muito bem! A iniciativa é digna de todo o elogio; a ideia boa e generosa. A realização, porém, é que deitou tudo a perder.

Estas mesmas bibliotecas foram já focadas num artigo devido ao brilhante espírito de Jaime Brasil que lhes fez o balanço, e averiguou que continham imensos romances policiaes e outrossim variadas espécies de caruncho literário. De boas intenções está o inferno cheio!

Quanto às outras bibliotecas, escusado é falar em semelhante coisa—paz aos mortos.

Poderia ainda replicar a esse possível argumento das bibliotecas, que Lisboa não é o país, e que, dado o facto de mais ninguém lhes ter seguido as pisadas, essa resolução nada resolveu...

E' o estudante de tradicional bolsa magríssima, que passa e torna a passar perante as atulhadas montras dos livreiros, e namora durante dias seguidos livros de capa verde, branca, amarela, encarnada, enfaixados de dizes.

—Oh, quem pudesse alcançar aquele «Kim, l'enfant» de Gorki, «Napoléon» de Eugène Tarlé, «Invitation to the Waltz» by Rosamond Lehman, ou «Condition Humaine» de André Malraux e tantos e tantos!

Um ou outro, mais fellzardo, lá consegue arranjar o suficiente para a assinatura do seu jornalzinho ou revista de literatura, e é toda uma cavalgada de nomes, de ideias-expresso, de definições-relâmpago, de horizontes súbita e confusamente mostrados—John dos Passos; Relatividade;

Arte Social; D. H. Lawrence; a exaustão analítica de Proust e a simplicidade tolstoiiana; romance proletário; Sinclair Lewis; prémios Nobel, Goncourt, Internacional do Romance; Barbusse; os estranhos romances eróticos de Pitrilli; o pacifismo integral e Aldous Huxley; a vida agitada e nobre de John Reed; poesia moderna e poesia clássica; fins e meios próprios da literatura infantil; novos rumos científicos; Ibsen continuador dos trágicos gregos; «Katrina» de Salminen; a bizarra personalidade musical de Stravinsky; Papini convertido, materialismo e idealismo—e segue-se, não poucas vezes, um caos mental de vulto, e sempre uma pena enorme de não saber tudo isto no original, em primeira mão (por assim dizer).

De mês a mês, o estudante, à custa de penosas economias, lá consegue comprar um 10\$00—«A Marca do Deus», «Job, romance de um pobre professor», «Paraíso Norte-Americano».

Com dificuldade se arrisca a «Babbitt» de S. Lewis—«Manhattan Transfer» de John dos Passos—«Maria Stuart» de Zweig, e não se sabe se dois anos de forretice chegarão

para o «Jean Christophe» do enorme R. Rolland.

Vem a propósito falar dos câmbios fantasiosos em que se comprazem imenso os nossos tão simpáticos e beneméritos livreiros.

Numa cidade de província, quando o franco estava a perto de 1\$45, paguel algumas edições francesas de 1920 e 1921, ao câmbio do dia com mais um contrapêso de \$05. Isto é, a venda de um livro desses—e bastantes lá havia—representava um lucro de 100%! Agora, com o franco a \$75, muito feliz será quem obtenha que os livreiros lhe vendam um livro de 12 fr. por menos de 12\$00. Em meu fraco entender, isto não é comerciar com livros, é, positivamente, roubar!

Com os jornais o mesmo escândalo: o «Paris-Soir» ou o «Petit Parisien» por exemplo, cujo custo é em França de 40 cent. e se podem assinar no correio, ficando-nos cada exemplar por \$55, são-nos fornecidos pela omnipotente Bertrand ao inacreditavelmente módico preço de \$80!

E, finalmente, é o camponês que trabalha 10 e por vezes 12 horas por dia, para conseguir nas boas ocasiões um jornal de 12\$00. A juntar à sua vida económica e de

trabalho quasi, se não mesmo, proibitiva de aquisição de cultura, temos o facto de não haver bibliotecas rurais, nem sequer nas escolas (cuja verdadeira missão seria cumprida quando nela, de dia, se ensinassem os pequenitos, e à noite a transformassem em centro de estudos e de desenvolvimento cultural através de palestras curtas que iriam tratando de assuntos sucessivamente mais distantes do horizonte local, e mais complexos).

Preciso é também não nos esquecermos que a maioria sai da escola sem bases suficientes sobre que possa apoiar quaisquer conhecimentos posteriores. Tudo o que lá aprendeu era (e é) desarticulado, mecânico, que não fala ao seu interesse, à sua sensibilidade. As lições levavam-se decoradas (e não sabidas, compreendidas) porque havia o temor da menina dos 5 olhos, da régua ou do ponteiro com que ainda hoje uma parte importante dos professores corrige defeitos, emenda erros e ensina o verdadeiro caminho aos transviados, melhor se diria desgraçados, borreguitos.

E exactamente porque, em vez do interesse, da ânsia de conhecimento, o medo era o seu impulsionador na escola, é que o rapaz uma vez cá fora, enche o peito de ar, sacode-se e vai embrutecendo lentamente.

Dir-me-ão que nem com todos isso acontece; pois não!

Há uma minoria que progride, se cultiva, persevera em querer afinar com a rota do Bem, do Belo, e da Ciência—as três facetas da Verdade.

Esse facto nada tem de milagroso; foi, pura e simplesmente, devido a um impulso, a uma mola que aos outros falhou. Essa mola pode ser um bom professor; uma inteligência viva e já desperta; um contacto com gentes de bom trato e superior cultura; a existência de um pecúlio que os pais realizaram com sacrifício, para que o seu filho—que todos diziam tão inteligente—pudesse vir a ser alguem.

Mas precisamente porque estes estímulos são raríssimos, é que só uma escassa minoria consegue fazer excepção.

E eis porque os jovens das classes operárias, estudantil e camponesa, ao quererem adquirir cultura que lhes dê satisfação e dignidade, se debatem com toda uma série de obstáculos que impossibilitam mais de 95 % de atingir o fim tão humano, tão justo e tão nobre que se propõem.

DATA

Mais um ano que passou e nem eu sei bem ao certo o tempo que durou...

Tão falho...
tão raso...
tão nulo...

A vida tombou nos meus gestos.

Sempre este viver degradado do caminho em espirais que não pára de descer!
Sempre esta vida pequena e o drama renovado do achar e do perder.

A vida tombou nos meus gestos...

Que me pode importar que seja esta ou outra a data festejada?

João José Cochofel

